

CORPO E ÁGUA: UM MERGULHO NAS INTERAÇÕES DO CORPO DEFICIENTE FÍSICO

BODY AND WATER: A DIVE IN THE INTERACTIONS OF THE PHYSICALLY HANDICAPPED BODY

Recebido em: 19 de outubro de 2022
Aprovado em: 4 de janeiro de 2023
Sistema de Avaliação: Double Blind Review
RCO | a. 15 | v. 1 | p. 62-80 | jan./jun. 2023
DOI: <https://doi.org/10.25112/rco.v1.2970>

Caroline Glembotzky Barbosa glembotzkybarbosacaroline@gmail.com

Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0/016652-4622>

Aline Miranda Strapasson aline.strapasson@ufrgs.br

Doutora pela Universidade Estadual de Campinas (Campinas/Brasil).

Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1608-1522>

André Luiz dos Santos Silva andrels@ufrgs.br

Doutor em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).

Professor dos Cursos de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9838-2558>

RESUMO

O presente estudo consiste em compreender os sentidos que são construídos à relação do corpo deficiente físico com a água. Devido às propriedades do meio, todos os movimentos executados no meio líquido são percebidos pelos sujeitos de modo diverso ao meio terrestre e possibilitam novos sentidos e significados vivenciados por esses corpos. A pesquisa contou com a participação de sete (7) nadadores atletas, seis (6) deficientes físicos e um (1) deficiente visual, de ambos os sexos, de um clube de Porto Alegre, todos eles vinculados à mesma equipe de natação. Como estratégia de produção dos dados, optou-se pela entrevista semiestruturada. Depois de transcritos, os depoimentos foram analisados a partir dos pressupostos da "análise temática". Como resultado, os sujeitos relataram diferentes sensações e emoções relacionadas à sua maior liberdade de movimentos decorridos pelas características do meio. Logo, a água emerge como um vetor importante na construção de novas possibilidades de vivenciar, de estar diante de sua corporeidade, na medida em que o corpo se encontra livre para se deslocar, longe de amarras ou de qualquer material. Além do mais, as relações estabelecidas nesta equipe acionam uma movimentação entre os corpos, que despertam noções de coletividade e pertencimento e colaboram para a positivação de suas experiências com o meio e para a construção de suas identidades. Este cenário cria problematizações importantes para a construção e desconstrução das gramáticas corporais produzidas socialmente.

Palavras-chave: Deficiência física. Corpo-água. Liberdade de movimento. Atividade Motora Adaptada.

ABSTRACT

The present study consists of understanding the meanings that are built in the relationship between the physically disabled body and water. Attributed to the properties of the environment, all movements obtained in the liquid environment are perceived by the subjects differently from the terrestrial environment, enabling new senses and meanings experienced by these bodies. The research had the participation of seven (7) athlete swimmers, six (6) physically disabled and one (1) visually impaired, of both sexes, from a club in Porto Alegre, all of them linked to the same swimming team. As a data production strategy, the semi-structured interview was chosen, a protective aim and a more flexible dialogue between the researcher and the interviewee. After transcribing the interviews, the statements were analysed based on the assumptions of the "thematic analysis", where the statements were described and interpreted. Through the realization of this work, a network of themes was noticed that transit over the manifestations of being subject to taking off in the water. From this condition, the subjects report different sensations and emotions related to their greater freedom of movement due to the characteristics of the environment. Therefore, water emerges as an important vector in the construction of new possibilities of experiencing, of awareness about their corporeality, the body is free to move away without encountering obstacles or any material. Furthermore, the relationships based on this team trigger a movement between bodies, which arises notions of collectivity and belonging, and contribute to the positivization of their experiences with the environment and to the construction of their identities. This scenario creates important problematizations for the construction and deconstruction of corporeal grammars that are socially produced.

Keywords: Physical disability. Body-water. Freedom of movement. Adapted Motor Activity.

1 INTRODUÇÃO

Se o ato de nadar é uma prática milenar, é necessário reconstruir a história que permeia a natação para, assim, compreender sua relação com a humanidade. A história da natação inicia nos tempos mais remotos, uma vez que se tornou uma qualidade física imprescindível para a sobrevivência dos sujeitos (SILVA, 2019, p. 16). Segundo Felix (2015), registros mostram que os povos da Antiguidade eram grandes nadadores, e os filhos dos nobres aprendiam a nadar desde cedo (FELIX, 2015).

Dessa forma, é possível afirmar que a história da natação é um componente marcante na transição histórica da relação do homem com a água. Além de tornar-se uma importante ferramenta para sua sobrevivência, possibilitou criar novos sentidos e significados na ordem social. Essa forma de locomoção em um meio distinto, ao qual a humanidade não estava habituada, torna-se palco de novas sensações e compreensões sobre as experiências vividas por estes corpos. Ao longo do tempo, esses novos entendimentos foram se transpassando e inter-relacionando com as redes culturais.

Diante da grandiosidade dos sentidos e de suas manifestações culturais, a natação apresenta uma vasta literatura relacionada à compreensão do seu significado. Apesar de ser, recorrentemente, associada a um conjunto de habilidades motoras que possibilitam o deslocamento no meio aquático, Fernandes e Costa (2006) compreendem a natação como um local de novas experiências corporais, transformando-a em um espaço de emoções, aprendizados e relacionamentos com o outro, consigo e com o ambiente.

Nesse cenário, a natação e a sua relação com o corpo são inseridas nos mais diversos contextos, tendo sua história marcada e determinada por diferentes imposições culturais e sociais. Em cada período da história, o corpo foi invadido por valores, leis e costumes referentes às sociedades a que ele pertenceu (GOELLNER, 2012). Segundo Novaes (2006), a materialidade de cada corpo assume as marcas dos discursos das práticas sociais e outras tantas construções que circularam e circulam na cultura. Essa situação se torna visível na medida em que essas construções passam a ditar e conferir lugares a partir de suas fisicalidades.

Isso posto, a relação corpo e água desenvolveu-se sob influência desses valores, logo, corpos que não se enquadram aos padrões estéticos e funcionais tiveram sua entrada tardia na modalidade. Assim, torna-se necessário pensar a qual grupo era destinada essa forma de locomoção, ou qual corpo seria o mais propício a vivenciar essas experiências corporais (BURKHARD; ESCOBAR, 1985).

De acordo com Novaes (2006), pessoas com deficiência se deparam com uma questão social, que Souza (1994) refere como fatores de ordem estética e cultural, sendo esses caracterizados como "improdutivos, desvalorizados e marginalizados, sobrevivendo, por isso, às sombras da sociedade" (NOVAES, 2006, p. 61). A partir desse panorama, o esporte adaptado surge como espaço de colocar em

contradição esses estigmas. E a adesão às práticas destinadas às pessoas com deficiência possibilitou o surgimento de novos significados sobre esses corpos e sobre a sua relação com essas práticas.

Apesar do esporte adaptado abranger diversas modalidades, notam-se diferenças entre práticas desenvolvidas no meio aquático e terrestre. Assim, diferentes modalidades demandam diferentes aspectos técnicos e instrumentos para sua viabilidade como prática esportiva. Junto com todo o aparato técnico/instrumental, o corpo passa a ser inundado pela produção de novas relações consigo e com o meio em que se situa. Diante disso, surge o questionamento de como seria conquistar o meio aquático sem a presença de braços ou pernas. Como seria se deslocar longe de quaisquer tecnologias, e quais seriam as sensações a partir dessa nova possibilidade de se locomover? Quais sensações e sentimentos surgem quando se está na água? A partir dessas questões iniciais, este estudo objetiva compreender os sentidos que são construídos com base na relação do corpo deficiente físico com a água.

2 CORPO DEFICIENTE: POTENCIALIDADES DE SER E DE ESTAR DIANTE DE SUA CORPOREIDADE

Diante da corporeidade, um corpo não é apenas um corpo, é também o seu entorno. Desse modo, compreende-se o corpo como um espelho da cultura e da sociedade que o compõem, onde é construído e moldado ao longo do tempo, tornando-o um reflexo daquilo que existe ou já existiu. Esse cenário propicia uma série de manifestações socioculturais que circulam e atravessam as relações vigentes entre os corpos. Como resultado dessa rede de interações, origina-se um sistema que classifica, minimiza e inferioriza corpos subjugados como desviantes. Cria-se, então, um sistema estruturado, hierárquico, que corrobora a construção e o reforço dos valores e das configurações sociais, conferindo e limitando lugares a determinados corpos, dentre eles, os com deficiência.

Historicamente, o discurso estético, biológico e funcionalista tem proferido um conjunto de opressões acerca do corpo deficiente, concepções que os têm significado como inferiores e incapazes. A ciência no século XIX foi peça importante para a construção de muitas classificações que legitimam uma educação do corpo visando torná-lo útil e produtivo. Nesse período, despontam algumas teorias pautadas no discurso científico que, segundo Goellner, são reflexões importantes para compreendermos a conjuntura

do corpo contemporâneo, “[...] porque é aqui que se criaram e consolidaram algumas representações que ainda hoje marcam nossos corpos, com maior ou menor intensidade” (GOELLNER, 2012, p. 32)¹.

Essas representações operam sobre o corpo, lugares e valores, e constituem o que Foucault (1997) denomina de mecânica do poder. Esse sistema consiste no domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que “façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determinam, as quais historicamente impõem sobre o corpo da pessoa deficiente seu valor” (FOUCAULT, 1997, p. 127).

A presença de pessoas com deficiência na cena contemporânea traçou novas perspectivas sobre esses corpos. Mudanças essas capazes de contrapor os conceitos biomédicos e funcionalistas desenvolvidos e evidenciados entre os séculos XVIII e XIX. Esse movimento acontece no momento em que novas oportunidades são expostas no que tange à relação do corpo deficiente e sua corporeidade. A partir dessa relação, o esporte surge como mola propulsora para tal transformação. Desse modo, a “presença de corpos dissonantes nas arenas esportivas possui uma eficácia simbólica e capaz de repensar [...]” toda uma estrutura fomentada por discursos de poder, que regulamentam o que é ou não permitido nos espaços do esporte (CAMARGO; KESSLER, 2017, p. 205).

Com o adjunto da tecnologia, isso se tornou ainda mais notório, pois, a partir dessa relação surge um corpo híbrido, permeado pela tecnologia, que garante que esse corpo explore novas possibilidades de pensar/agir e sentir (ZOBOLI *et al.*, 2011). As tecnologias, quando acompanhadas da busca por transcender sua natureza, passam a exprimir sentidos e significados a esses corpos deficientes, que mantêm resquícios dos discursos funcionalistas. Em frente a essas problematizações, esses procedimentos postulam, segundo Camargo e Kessler (2017), um jogo perigoso entre saber-poder, que nos induz a pensar que “corpos dissonantes são vistos ainda como corpos que precisam ser “consertados”, “readequados”, para se realocarem no “padrão de excelência” dos corpos normativos” (CAMARGO; KESSLER, 2017, p. 194). Assim, “aliado aos estigmas históricos de um corpo com deficiência, soma-se o nascente estranhamento do homem que se funde com o artificial”, mas também daquele que apresenta outras configurações físicas (ZOBOLI *et al.*, 2011, p. 29).

¹ Apesar da recorrência de preconceitos e a exclusão de deficientes, após a II Guerra Mundial aconteceram algumas mudanças positivas e significativas nesse período. Segundo Rechineli *et al.* (2008), é nesse momento da história que se iniciam, em hospitais, programas de reabilitação dirigidos aos lesionados das Guerras. Nesse mesmo contexto, o esporte adaptado surge como uma das principais formas que objetivou a inserção desses indivíduos na sociedade. Ainda que a gênese do esporte adaptado tenha passado pela contemplação de diferentes momentos históricos e seja visualizado em diferentes locais, Gaio (2006) acredita que o período de reabilitação desses combatentes após a II Guerra Mundial foi uma grande marca para seu surgimento.

Diante da ótica da cultura corporal, em relação ao corpo deficiente no esporte adaptado, ainda que seja palco de representações e de relações de poder, a sua inserção e ocupação nesse espaço refletem sobre uma nova identidade desse indivíduo. A tecnologia e o alto rendimento são elementos importantes da modernidade, embora sejam apenas duas das formas de evidenciar as possibilidades de ser e de existir dentro do esporte adaptado².

3 METODOLOGIA

Ao buscar descrever e interpretar os fenômenos acerca da relação entre o corpo deficiente e a água, este artigo adotou o paradigma qualitativo de investigação. Como estratégia de produção dos dados, optou-se pela entrevista semiestruturada. Foram ouvidos sete (7) nadadores paralímpicos, entre eles: três (3) mulheres e quatro (4) homens, sendo seis (6) deficientes físicos e um (1) deficiente visual, pertencentes a um clube esportivo de Porto Alegre.

Quadro 1- Caracterização dos atletas entrevistados³

ATLETA	TIPO DE DEFICIÊNCIA	CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL
Martina	Deficiência física	S10
Miguel	Deficiência física	S7
Fernanda	Deficiência física	S6
Joana	Deficiência física	S10
Israel	Deficiência física	S9
Leandro	Deficiência física	S10
Felipe	Deficiência visual	S11

Fonte: Elaboração própria

² Na circunstância atual, os domínios das tecnologias permitiram a esses sujeitos novas formas de se relacionar com o meio terrestre, afetando principalmente o seu modo de se deslocar e realizar outras atividades, sejam elas rotineiras ou dentro do contexto do esporte. Contudo, a natação se difere, pois nesse ambiente o sujeito não necessita de nenhuma tecnologia assistiva, assim, esse corpo quando se desloca na água não utiliza nenhum tipo de órtese, prótese ou outro implemento. Desse modo, essa condição exerce um papel importante na construção e na problematização de novas óticas sobre a relação que esses recursos desempenham no corpo deficiente físico.

³ A fim de preservar a identidade dos colaboradores foram dados nomes fictícios para cada um.

A seleção dos atletas ocorreu por conveniência, em que a escolha de cada sujeito aconteceu por intermédio de um dos técnicos da equipe. Para a escolha dos sujeitos não houve uma preocupação sobre restringir ou qualificar a uma única classificação funcional dentre as deficiências físicas. Contudo, a fim de atender os objetivos da pesquisa, a escolha dos participantes seguiu os seguintes critérios de inclusão: ser deficiente físico, ser praticante de natação e possuir ferramentas tecnológicas (computadores, celulares) que permitissem interações virtuais para a realização das entrevistas.

As entrevistas ocorreram individualmente, por meio de encontros virtuais realizados informalmente pela plataforma *google meet*, em que foi aplicada uma série de questões, divididas em três eixos centrais. O primeiro eixo refere-se à identificação de cada indivíduo, indagando-se sobre a caracterização da deficiência, no que tange ao tipo, causa, necessidade de algum auxílio para a locomoção. O segundo eixo abordou perguntas voltadas às relações de seus corpos com a natação e como o meio aquático se faz presente no despertar de sensações e emoções. Por fim, o último eixo reservou-se em dar espaço para os depoentes acrescentarem quaisquer informações que considerassem relevantes ao estudo.

As entrevistas seguiram uma sequência, em que, inicialmente, foi explicado aos depoentes o contexto da entrevista, para depois ser abordado o tema em questão. Após cada sessão, foi pedida a autorização do sujeito para seu discurso ser utilizado em posterior análise na pesquisa. Com o intuito de facilitar a produção e sequente análise do material, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

A partir dos depoimentos produzidos e transcritos, optou-se em analisá-los por meio de procedimentos da análise temática que buscam identificar, analisar, interpretar e relatar padrões (BRAUN; CLARKE, 2006). Com a finalidade de entender os objetivos propostos, inicialmente destacaram-se três temáticas centrais, as quais foram protagonizadas pelos relatos dos sujeitos, e cada uma delas, apesar de terem reflexões próprias, relaciona-se diferentemente uma com a outra.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando um corpo se encontra imerso a um meio, ele afeta e é afetado. Portanto, na relação do corpo com a água, são constituídos símbolos e significados. Nesse sentido, para discutirmos as potencialidades dessas interações, as análises que seguem centram-se em uma complexa camada de dimensões histórica, cultural e social, que são externas à fisicalidade do corpo de cada atleta, atravessadas pelas intersubjetividades entre os sujeitos da equipe e pelas conexões de troca com o ambiente e com o mundo.

4.1 LIBERDADES DE MOVIMENTO

Nesta primeira temática tratamos da relação do sujeito ao se deslocar na água, que, inicialmente, apresentou-se banhada por discursos alicerçados na liberdade. Mediante processo investigativo, encontramos relatos capazes de expressar algo que é imaterial em um produto concreto, destacando as potencialidades e possibilidades de reflexões presentes nesses corpos e em sua liberdade. Em vista disso, foi preciso pensar: o que é liberdade? Que relações são possíveis desses corpos com a água no viés da liberdade? E como se constrói essa relação a partir do movimento?

De acordo com Trebels (1998), o movimento é carregado de significados e é essa necessidade de mover que garante a vida e permite a expressão da corporeidade. Assim, a partir da relação e interação dos sujeitos com a água, emoções e sensações são percebidas. Para Susanne Langer, “o movimento se torna uma forma simbólica livre, que pode ser usada para transmitir ideias de emoção, consciência e pressentimento, ou pode ser combinada a outros gestos virtuais, a fim de expressar outras tensões físicas e mentais” (2011, p. 63).

Para dar respaldo à importância do movimento para compreensão da liberdade presente nas relações dos depoentes com a água, atravessamos discussões acerca do movimento – liberdade, como categoria congruente e inerente no comportamento social humano. À vista disso, Hobbes (1991) discorre sobre a associação da própria existência do corpo ao movimento, “a tal ponto de só conseguirmos perceber um determinado corpo quando este estiver em movimento”, sendo o movimento do corpo uma condição fundamental para se entender a liberdade humana (MACHADO, 2011, p. 20). Para Hobbes (1991), a liberdade é puramente corpórea e aplicada a todo corpo vivo, desde que esteja em movimento. Desse modo, a liberdade é mais do que uma “reflexão da própria liberdade – alusão ao livre-arbítrio –, a liberdade é a ação própria do corpo de movimentar sem entrave externo à sua ação” (MACHADO, 2011, p. 133). Por essa razão, a definição hobbesiana vai ao encontro dos relatos dos atletas entrevistados, pois, ao se relacionarem com água, os depoentes passam a estabelecer novas potencialidades de ser e, mediante essas novas possibilidades de se movimentar, longe de entraves, são desencadeados sentimentos e sensações que atravessam a liberdade.

Nessa perspectiva, pensar a relação dos depoentes com a água torna-se, antes de tudo, um exercício de liberdade, uma vez que as singularidades do meio aquático permitem a esse corpo uma nova forma de estar e uma vasta possibilidade de movimentos vivenciada unicamente nesse meio. Diante dessa relação, é possível tornar algo tão subjetivo quanto a liberdade em algo palpável e concreto, externalizado no próprio movimento desses corpos.

Eu utilizo uma prótese pra me locomover e fazer as minhas atividades e na água é o momento que não uso. E a gente treina sem a prótese. Então, isso, desde o primeiro dia, foi muito bom, porque a prótese me ajuda muito pra muitas coisas, mas não é a mesma coisa que o corpo, né. Então tem um pouco de, assim, fica um pouco mais travado, alguns movimentos, e já na água sem a prótese eu consigo fazer. Ficar mais livre. Me faz sentir mais livre. E isso é uma coisa boa. Desde o início gostei bastante. (Martina).

Diferente do meio terrestre, a água reserva suas particularidades que permitem a esses corpos construir e vivenciar novas possibilidades de movimento. O corpo que outrora era rígido torna-se fluido. Assim, a compreensão da movimentação do corpo na água, sob a perspectiva dos sujeitos envolvidos, propõe valorizar as diferentes potencialidades criadas a partir das características do meio. Na medida em que esse corpo produz novas relações, não somente com o meio, mas com tudo que está em sua volta, novas possibilidades de compreender e vivenciar a liberdade são descobertas. Isso ocorre, muitas vezes, pela experimentação de diferentes amplitudes de movimento, e a leveza e a fluidez do corpo são componentes, recorrentemente, destacados nos relatos dos sujeitos.

Me sinto mais livre, também. Eu gosto disso porque [tu] consegue se movimentar mais, tu sentes que tu consegues mexer mais a perna. No meu caso, a prótese não dobra, né. Daí sem ela eu consigo. É um alívio melhor sim. (Miguel).

Tipo, eu não mexo a perna, eu faço exercício em casa, mas em outros lugares minha perna fica dura. Aí, na água, minha perna mexe e eu não fico tão parada. Em casa minha perna já é mais travada, tipo, eu consigo levantar, mas eu arrasto a perna. E quando eu tô na água, eu consigo, não é bem dobrar, mas é, dobrar muito bem ela e consigo relaxar a perna. (Fernanda).

Essas interações dos sujeitos com a água expressam o potencial de infinitas representações e libertação dos limites do corpo, pois, ao se encontrar em movimento no meio líquido, vivências que antes eram restringidas a um tipo de corpo, na água, tornam-se possíveis. Haja vista que a diversidade de corpos presentes na pesquisa nos levou a considerar que diferentes deficiências físicas produziram diferentes significados sobre liberdade e corpos em meio líquido, cabe ressaltar que a nomenclatura "deficiência física", apesar de ser usada universalmente para representar certos padrões corporais, apresenta distintas variações de um ou mais segmentos do corpo humano, que conseqüentemente resultam em diferentes formas de movimento e liberdade. Caracterização que corrobora as diferenças entre os corpos encontradas nesta pesquisa, sob a ótica da própria fisicalidade e funcionalidade que cada sujeito apresenta.

O atleta Miguel, por exemplo, devido a um encurtamento em um braço, faz mais força com os membros superiores ao se deslocar em meio aquático: “É bem tranquilo, consigo me adaptar, andar, correr e na água também. Na água é diferente porque eu puxo mais peso com o braço”. Como Miguel realiza movimentos no plano horizontal e tem o braço reduzido, o gesto técnico deve ser adaptado, dando a impressão de estar realizando um esforço maior no meio líquido do que no meio terrestre.

No caso de Leandro, que tem mobilidade de movimento reduzida em uma das pernas, a dificuldade está em se deslocar no meio terrestre e, quando se encontra imerso na água, o que antes era uma limitação torna-se possível.

O que eu sinto, essa liberdade, é na hora de fazer a batida de perna, né, como eu não tenho essa amplitude, e ela é só de 20°, eu sinto menos. Como eu posso te dizer, quando eu preciso caminhar, eu precisaria de no mínimo uns 45° pra ter uma caminhada normal e, como eu só tenho 20, eu tenho que arrastar a perna. E na água, eu ainda sinto quando eu bato as pernas, mas eu sinto bem menos essa... que eu tô arrastando. A limitação. Entendeu? Eu sinto bem menos. (Leandro).

Essas distinções se tornaram ainda mais evidentes ao entrarmos em contato com outras deficiências, como a deficiência visual. Momento marcante na pesquisa, em que traçamos pequenas pistas do modo como cada padrão corporal, mais especificamente, o tipo de deficiência, influencia na relação desses sujeitos com a água. Rodeado por diferentes referências corporais, o atleta deficiente visual nos permite vislumbrar novas relações possíveis com o meio aquático. Para esse sujeito em específico, estar na água sem o apoio de tecnologias assistivas (bengala) constitui um problema:

No meio aquático, é um pouco mais complicado. Na natação, não tenho como bengalar e saber onde estou. Eu tenho que ir por todos meus sentidos, eu tenho que ir pela minha posição do corpo. Se eu for muito pra direita eu posso bater, se eu for muito pra esquerda vou bater, também. Então preciso ir reto. Fazer a mesma força nos dois braços, não pode deixar o braço cair pra direita, não pode deixar o braço cair pra esquerda. Se não tudo isso influencia. Tipo, se eu faço uma virada e sai em curva pra direita eu vou bater na direita. Então isso é bem mais complicado. (Felipe).

De acordo com Bobath (1978), grande parte dos padrões de movimentos são estabelecidos a partir de uma realidade visual, sendo a visão um sentido importante para o oferecimento de informações e de referências motoras, e aqueles que são isentos desse sentido criam outras estratégias corporais. Notou-se que as relações percebidas pelo sujeito com deficiência visual com a água se desenvolvem por meio de outros sentidos. Por essa razão, as limitações físicas da piscina (raia, borda), o alinhamento e a posição do corpo são componentes importantes para compreender as distinções entre as deficiências destacadas.

Cada corpo reserva diferenças visíveis nas suas relações com a água, traduzidos em significados próprios, que flutuam sob suas diferentes composições corporais, e, durante a pesquisa, foi possível perceber que esses corpos se tornam livres, na medida em que não são impedidos de fazer o que desejam fazer. No meio líquido, a ação do corpo deficiente parece reduzir o peso da limitação e dos estigmas sociais a que são submetidos cotidianamente.

Apesar de existirem novos recursos tecnológicos que possibilitam minimizar limitações corporais no meio terrestre, a água se difere e se mostra como um espaço de libertação e criação de possibilidades. Em vista disso, ao refletirmos sobre as interações e significados presentes nas diferenças entre o meio terrestre e o aquático, a hibridização do corpo deficiente deve ser posta em discussão. Logo, pensar a relação entre o corpo e a máquina, entre sujeito e água, é buscar entender de que forma essas novas configurações corporais estabelecem identidades e significados sociais e culturais e como essas relações são reconfiguradas em um meio onde recursos tecnológicos não são necessários.

4.2 LIBERDADE DE MATERIAIS

“A tecnologia produz nossa historicidade, transformando as fronteiras do humano, funcionando como mecanismo de mediação entre o homem e a natureza, mas, principalmente, entre o homem, ele mesmo e o seu meio sociocultural” (NOVAES, 2006, p. 31). A relação do ser humano com a tecnologia, portanto, traz consigo uma mudança na relação estabelecida entre o corpo e o meio em que se situa, a qual servirá para o domínio e a construção de novas possibilidades de ser e de estar.

Conforme Soares e Fraga (2003, p. 86), “é impossível falar do corpo deficiente sem mencionar as tecnologias que nele se acoplaram no decorrer da história”, pois, em meio a um sistema que seleciona e classifica corpos tidos como desviantes, recursos tecnológicos provocam modificações nesses corpos para atender e imperar os ideais ou interesses das mecânicas sociais. Nesse contexto, as tecnologias, segundo Foucault (2001), configuram-se em um processo de construção sócio-histórica, induzidas pelas relações de poder e saber, em que a deficiência quando vinculada a esses recursos se encontra a fim de atender padrões de normalidade.

Ao nos debruçarmos na literatura, vimos que o avanço tecnológico e a evolução dos métodos de assistência mostram-se como alternativas capazes de garantir melhores condições de saúde e qualidade de vida aos sujeitos que utilizam alguns desses recursos, desde prótese a cadeira de rodas. No texto “A performance do híbrido: corpo, deficiência e potencialização”, Novaes (2009) sinaliza o processo de transmutar o corpo deficiente ao passo que ele é acoplado à tecnologia. O artigo apresenta Oscar Pistorius, um corredor paralímpico que, “ao fundir sua carne ao silício e ao carbono de suas próteses,

coloca em xeque a natureza humana ao metamorfosear seu corpo com o artificial" (ZOBOLI *et al.*, 2011, p. 29). O estudo menciona que essa modificação foi importante para traçar novas possibilidades e, "por conta da biotecnologia, fez nascer um atleta marcado, ao mesmo tempo, pela deficiência, pela performance e pela tecnologia" (NOVAES, 2009, p. 170-71). Segundo Zoboli *et al.* (2011), "cada vez mais a biotecnologia está visando penetrar a organicidade do corpo, não mais normalizando suas funções, mas sim ampliando, transpondo, potencializando essas funções" (2011, p. 29).

Contudo, ao longo deste processo investigativo, os depoentes nos apresentaram concepções distintas que não necessariamente concordam com a bibliografia encontrada. Na situação a seguir, evidencia-se, por meio da fala de uma das atletas, a sua relação com a sua prótese e suas percepções ao utilizá-la.

Pra treino e competição, realmente não se utiliza, nem é permitido. Mas quando eu tô no lazer, tô na praia, eu gosto de ficar sem a prótese, porque ela mais me atrapalha do que me ajuda, sabe. E daí na água eu sinto muita liberdade porque eu posso. Assim acho muito máximo as tecnologias e as próteses e a minha nem é a mais top, mas é muito boa e me ajuda em muitas coisas. Mas eu sinto que na água eu não preciso de nada, além do meu corpo, pra me deslocar. (Martina).

Sob esse ângulo, faz-se necessário compreender e discutir os possíveis paradoxos, as potencialidades e os conflitos da ação dos recursos tecnológicos no corpo deficiente. Tais questionamentos surgem na medida em que a liberdade vivenciada pelos sujeitos se produz justamente pela ausência desses recursos, quando se está no meio líquido. Assim, nesta segunda temática, são propostas reflexões que expandem ao universo material, pois, a partir das vozes de cada um dos depoentes, é possível observar que a liberdade não se restringe apenas à relação corpo e movimento, mas contempla também a liberdade de materiais.

Diferente do meio terrestre, quando os depoentes se encontram no meio aquático, eles passam a exercer o livre exercício de suas diferenças, pois não dependem de qualquer material para se movimentar. Um meio em que seu corpo não precisa ser ajustado, moldado, ou estipulado; seus corpos tornam-se aquilo que são. Nessa perspectiva, o corpo *ciber*, enquanto uma representação de positividade, potência e performance, deve ser questionado e problematizado, afinal, de acordo com os depoentes, suas relações com a água construíram outros diálogos, capazes de produzir novas óticas sobre a relação desses corpos com a tecnologia assistiva.

A gente tá livre de alguma coisa. A muleta a gente precisa ficar segurando. E já na água não precisa segurar em nada. Liberdade, não segurar nada, de fazer o que eu quiser, tipo, eu não sei mais. Nadar só, sem nada na mão, sem nada na perna, só o próprio corpo. (Fernanda).

No viés competitivo e de alto rendimento, a busca por melhores resultados gera um corpo que tem sido subjugado a uma máquina de superação de limites e objetivado para a produtividade e perfeição. No contexto paralímpico, é comum encontrarmos atletas que utilizam auxílio das próteses e de aparelhos para atingir tais resultados. A fusão entre o inorgânico e o biológico possibilita a esses corpos produzirem e alcançarem aquilo que era por muitos julgado como inalcançável. Observa-se que a relação corpo e tecnologia produz diferentes sentidos corporais, mas quando retratada na literatura restringe-se, em sua maioria, à busca por atender as expectativas da performance esportiva. Diante dessa problemática, a permuta desse sentido só foi possível porque as reflexões estabelecidas direcionam-se a um meio e a uma modalidade que, apesar de ser tomada pela tecnologia, vislumbra outras formas de relacionamento entre o corpo e esses recursos.

Segundo Torri (2019, p. 173), isso ocorre porque, na água, é somente o corpo que “precisa ser escrutinado e a técnica internalizada para que o desempenho aconteça”. Embora sem braços, às vezes sem pernas, os depoentes relatam que se sentem mais confortáveis em não aglutinar seus corpos às tecnologias assistivas.

Me sinto mais livre, como a gente usa um tipo de luva de silicone, que vai no coto, né, e depois a prótese, a gente acaba se acostumando, mas é muito calor, é muito quente, e é desconfortável usar a prótese. A prótese não machuca, mas incomoda. Então quando tira a prótese e tá ali fazendo uma atividade sem o uso da prótese é realmente libertador. (Israel).

Além das razões destacadas acima, à medida que se foi investigando sobre essas relações, percebeu-se que a ausência desses materiais possibilita que esses sujeitos se compreendam como indivíduos completos. Por essa razão, compactuamos com a *Association of Swimming Therapy* (1986), ao sinalizar a água como um meio em que é possível tornar a separação ou distinção dos corpos menos nítida. Nesse sentido, as muletas, as próteses e as cadeiras de rodas são deixadas de lado e flutuamos, no mesmo nível, podendo desfrutar da igualdade.

Eu acho que no meio aquático as coisas se igualam muito. Vou te exemplificar assim, subir uma escada pra mim é um problema, não bem um problema porque eu subo a escada igual, mas eu preciso subir degrau por degrau. E na piscina eu nado igual uma pessoa sem deficiência, então eu acho que o meio aquático iguala muitas coisas pros deficientes. Na água eu sinto a dificuldade de não ter o outro pé pra bater, né, mas não sinto problema. (Israel).

É possível observar que o meio aquático fornece a esses atletas diferentes modos de se perceber e perceber a sua corporeidade. Essa relação com a não dependência de um material passa então a ressignificar a liberdade, o que permite a esses sujeitos o desvelamento de estar com o corpo, de ser um corpo, longe de ajustes e longe de amarras.

Conforme fomos desenvolvendo a pesquisa, deparamo-nos com esse universo, cheio de outros sentidos. Inicialmente, buscávamos compreender a relação desses sujeitos com a água, mas isso se aprofundou de tal modo que cada um desses corpos se tornou locutor de múltiplos diálogos, que transitam por diversas esferas presentes em um corpo. Nesse espectro, a relação de cada um deles era mais que imaginávamos ser, a sua essência transpassa os gestos técnicos, e assim passamos a acreditar que a natação seria capaz de redimensionar todo um sistema de "ser" e de "estar" no mundo. A partir dessa compreensão, vê-se o corpo de cada sujeito como emissor e palco das ações de tudo que está ao redor. Assim, um único meio, mediante suas relações com ele mesmo, mas também as relações nele existentes, foi capaz de transformar e ressignificar elementos presentes na própria liberdade de ser. Desse modo, explorar as interações presentes nesta equipe poderia indicar como o papel socializador contribui para as relações que esses sujeitos estabelecem com a água.

4.3 PAPEL SOCIALIZADOR

O corpo que interage com a água se relaciona também com o que está em seu entorno. Sendo assim, durante as entrevistas, surgiu a necessidade de olhar para um elemento que inicialmente não tinha sido foco de investigação. Apesar de a natação ser um esporte praticado individualmente, e o estudo ter como objetivo analisar as relações dos deficientes com a água, tornou-se importante olhar para os modos como essa relação (corpo/água) é atravessada pelos efeitos das sociabilidades e pelos sentimentos de pertencerem a uma mesma equipe de natação.

Nesse cenário, a noção e o entendimento sobre esses deficientes e a água ampliam-se de tal modo que passamos a entender não somente o ato de movimentar-se no meio líquido, mas também o comportamento e as relações que são criados naquele ambiente com outros corpos. Dessa forma, colocamos em pauta o modo como a socialização e a liberdade se relacionam na experiência do atleta com deficiência física no meio líquido. A água e as relações que nela existem nos permitem criar um conjunto de ponderações sobre o que é liberdade para esses sujeitos. Diante da pluralidade de sentidos, compreende-se, nessa temática, a liberdade como o direito de ser quem é, não somente pelas condições que o meio aquático propicia, mas também pelas relações interpessoais que ali existem.

Segundo Le Breton (2012), o corpo não é mero veículo da pessoa, mas sim um universo que denota representações, sentidos e valores, pois é na relação com os outros e o mundo que se vai descobrindo que nos constituímos sujeitos. Nesse sentido, a equipe surge como um espaço que traduz a sua própria linguagem, composto por símbolos e significados importantes para o reconhecimento e acolhimento daqueles indivíduos. A influência das relações criadas nessa equipe é confirmada por este depoimento:

No início da amputação, por mais que tenha sido uma escolha e tenha melhorado muitas coisas da minha vida, eu queria ser normal, né. Tipo, não ter nenhuma deficiência, não ter nada. E daí ficava meio que revoltada, assim, questionando essas coisas. Daí, quando comecei na equipe e vi pessoas com deficiências [...], competindo, viajando, fazendo coisas que eu nem imaginava. Daí eu ficava pensando, nossa, e eu não tenho que me revoltar por nada perto disso, né, assim, perto dessas coisas. E foi uma coisa meio que, mais reflexiva minha, porque todos se tratam normal, normal é uma palavra meio ruim, mas todos se tratam da mesma forma, não tem nenhuma diferença. (Martina).

Ao ouvir os relatos desses sujeitos, foi notável a existência de uma rede de conexões criada nos treinos, que, por sua vez, destaca-se como componente importante para a construção de suas identidades. "O corpo de cada indivíduo de um grupo cultural revela, assim, não somente sua singularidade pessoal, mas também tudo aquilo que caracteriza esse grupo como uma unidade" (GONÇALVES, 2005, p. 13). Nesse sentido, a interação durante os treinos de natação resultou em sensação de pertencimento, intervindo na percepção de si com o meio no qual o atleta está inserido.

O corpo, como meio de comunicação com o universo, é inseparável das percepções e sensações extraídas e interpretadas pela mente. Para Merleau-Ponty (1994), as relações interpessoais preenchem vazios do ser no mundo, onde o indivíduo se constitui como pessoa pela abertura e aproximação com o outro. Diante dessa instigante dependência das relações estabelecidas com o próximo, o contato com outras deficiências poderia ser capaz de ressignificar o que é deficiência. Segundo Amaral (1994), ser diferente não é ser melhor ou pior; a diferença/deficiência simplesmente é.

De acordo com o relato da atleta Martina, o fato de a equipe de natação ser formada por sujeitos deficientes contribuiu para o seu processo de reconhecimento e aceitação. De modo semelhante, Leandro sinaliza:

Se tu olhar quantas pessoas tão jogando bola, tão fazendo alguma atividade, e quantos deficientes tão ali no meio, muito poucos. Assim ele vai procurar o pessoal dele, que daí ele está mais incluído, o pessoal vai entender o lado dele. Via muito a galera da deficiência sendo excluída, ou não procurando fazer as atividades, essas coisas assim. Quando eu entrei na natação, eu comecei a me dar bem. (Leandro).

Conforme Ferreira (2008), a percepção que se tem do corpo vem de uma visão individual e coletiva, produzindo sentido sobre a autoimagem. Dessa maneira, quando os depoentes identificam similaridade em outras pessoas da equipe, passam a sentir-se mais incluídos. Por sua vez, a equipe de natação e o encontro com outros deficientes possibilitam que os indivíduos estabeleçam e criem sensações e sentimentos ligados ao seu pertencimento ao grupo. E é nesse emaranhado de relações que nos é apresentada a ideia de pedaço, que, segundo Magnani (1984), além de ser um local, um endereço, corresponde a uma determinada rede de relações sociais. Contudo, não basta estar no pedaço para de fato ser desse pedaço. A grande diferença entre “estar” e “ser” transita sob a noção e a sensação de pertencimento, oriunda dos vínculos criados naquele ambiente. Por meio dessa compreensão, aliado aos depoimentos, evidenciou-se que, entre os nadadores e o clube, esse “pedaço” poderia ser encontrado. Um lugar com seu próprio grau de relações e símbolos, redimensionando todo um sistema de se relacionar consigo e com o meio.

Isso posto, algumas observações merecem, mais uma vez, ser enfatizadas. A primeira delas é como se dá o reconhecimento do eu a partir da utilização do outro como objeto de comparação. As relações postuladas na equipe de natação acionam uma movimentação entre os corpos, que produzem suas próprias configurações. Por esse intermédio, é possível identificar e descrever um conjunto de pontos localizados nas relações existentes entre os sujeitos. É essa dimensão sociocultural que, entre outras, permite que esses sujeitos se conectem à sua individualidade.

Como território de múltiplos significados e transgressões, a natação além de ser uma modalidade esportiva, neste texto, representa um encontro de corpos, taxados de improdutivos, desviantes, anormais. Entender a relação desses sujeitos com a água faz com que estejamos um passo mais próximos de compreender seus corpos sob um olhar de si mesmos para o mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi compreender os sentidos que são construídos na relação do corpo deficiente físico com a água. Para compreender que corpos são esses e que sensações e sentidos são produzidos nesse meio, foi necessário atentar às percepções de cada sujeito, buscando possíveis conexões com sensações e experiências vividas pelos colaboradores do estudo. Dessa forma, o processo investigativo sobre as emoções e sensações despertadas pelo movimento corporal é visto sob uma ótica individual, em que as vivências corporais de cada um possibilitam novos olhares a respeito de si, do corpo deficiente e do ambiente aquático. Nesse viés, esta pesquisa apresenta uma versão que não

buscou atender números, ou padrões, mas sim permitir que corpos que por tanto tempo tiveram suas potencialidades de ser e de estar tangenciadas e estigmatizadas agora possam ser retratados mediante suas próprias sensações e percepções.

As reproduções e construções do modo como esses sujeitos que se constituem e se entendem socialmente têm uma ação direta sobre como os diálogos nessa relação corpo-água são produzidos. Assim, verificou-se que as interações entre os sujeitos expressam noções vinculadas à coletividade e ao pertencimento, pois, apesar de apresentarem suas singularidades enquanto indivíduos, ainda pertencem à configuração social que os legitima dentro de uma mesma ordem social. Desse modo, o encontro de diferentes composições corporais sinaliza o papel que as relações sociais, nomeadas neste trabalho como o papel socializar, têm sob a construção da identidade, sendo a água um vetor que positiva essas vivências.

Nesse contexto, os sujeitos, ao se deslocarem no meio aquático, sinalizam uma rede de temas sobre as suas manifestações de ser e de estar que atuam diretamente na apropriação de sua liberdade de movimentos, decorridos pelas características do meio. Logo, a água, por ser um local que permite a esses corpos maiores possibilidades de movimentos, sem a necessidade de um material para auxiliá-los, permite problematizar e criar compreensões sobre as ações da tecnologia desenvolvida para a performance corporal. Assim, a inter-relação entre as temáticas apresenta um cenário ainda a ser investido, pois, compreender o corpo, sobretudo aqueles que ainda lutam por seu espaço, demanda abdicação das mecânicas sociais para que possamos nos desprender de qualquer estigma.

Mergulhar no universo desses corpos, sob a perspectiva de suas próprias vivências, possibilitou-nos adentrar em reflexões que sinalizam e atualizam nossos olhares sobre a deficiência. Uma visão sensível construída por um conjunto de referências corporais que positivam suas relações com a água, emaranhadas pela liberdade, esporte e tecnologia. Surge então um espaço que não visa reduzir corpos às suas condições funcionais, mas que os estimule a experimentarem outras formas de vivenciar, de estar diante de sua corporeidade.

Por fim, essas discussões são capazes de problematizar as noções já conhecidas de corpo, produzindo espaços de liberdade nas interações consigo e com o meio, que circulam pelo campo funcional, social e cultural. A construção de novas gramáticas corporais e a desconstrução de outras, em tal magnitude, realizam-se como emergência de um corpo expressivo enquanto fluido sujeito vivo, que apresenta a sua própria identidade.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, L. A. **Pensar a Diferença/Deficiência**. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994.
- ASSOCIATION OF SWIMMING THERAPY. **Natação para Deficientes**. São Paulo: Manole, 1986.
- BOBATH, B. **Atividade Postural Reflexa Anormal, causada por Lesões Cerebrais**. São Paulo: Manole, 1978.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.
- BURKHARDT, R.; ESCOBAR, M. O. **Natação para Portadores de Deficiências**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.
- CAMARGO, W.; L. KESSLER, C. Além do Masculino/Feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 23, n. 47, p. 191-225, 2017.
- FERREIRA, F. R. A Produção de Sentidos sobre a Imagem do Corpo. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, Botucatu, SP, v. 12, n. 26, p. 471-83, 2008.
- FERNANDES, J. R. P.; COSTA, P. H. L. da. Pedagogia da Natação: um mergulho para além dos quatro estilos. **Rev. Bras. Ed. Fís. e Esp.**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 5-14, 2006.
- FELIX, J. R. P. Pedagogia da Natação: um mergulho para além dos quatro estilos. *Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 5-14, 2015.
- FOUCAULT. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GAIO, R. **Para além do Corpo Deficiente**: histórias de vida. Jundiaí: Fontoura, 2006.
- GOELLNER, S. V. A Produção Cultural do Corpo. *In*: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, Pensar, Agir** - corporeidade e educação. São Paulo: Editora Papirus, 2005.
- HOBBS, T. **Libertad y Necesidad y otros Escritos**. Traducción de Bartomeu Fortaleza Pujol. Barcelona: Península, 1991.

LANGER, S. Sentimento e Forma: uma teoria da arte desenvolvida a partir de filosofia em nova chave. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LE BRETON, D. **A Sociologia do Corpo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

MACHADO, E. **Liberdade e Movimento em Thomas Hobbes**. 2011. 142f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2011.

MAGNANI, J. G. **Festa no Pedaco**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo, Brasiliense, 1984.

MERLEAU-PONTY, M. **La Nature**: Cours du Collège de France: Notes, suivi des résumés de cours correspondants. Paris: Éditions du Seuil, 1994.

NOVAES, V. S. A Performance do **Híbrido: corpo, deficiência e potencialização**. In: COUTO E. S.; GOELLNER, S. V. **Corpos Mutantes**: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

NOVAES, V. S. **O Híbrido Paraolímpico**: ressignificando o corpo do atleta com deficiência a partir de práticas tecnologicamente potencializadas. 2006. 155f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

RECHINELI, A.; PORTO, E. T. R.; MOREIRA, W. W. Corpos deficientes, eficientes e diferentes: uma visão a partir da educação física. **Rev. Bras. Educ. Esp.**, Baurú, SP, v. 14, n. 2, p. 293-310, 2008.

SOARES, C. L.; FRAGA, A. B. Pedagogias dos corpos retos: das morfologias disformes às carnes humanas alinhadas. **Pró-Posições**, Campinas, v. 14, n. 2, 2003.

SOUZA, P. A. de. **O Esporte na Paraplegia e Tetraplegia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1994.

SILVA, T. S. **Benefícios da natação para o desenvolvimento infantil**. 2019. 49f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019.

TORRI, D. **Educação do Corpo**: técnica e estética no esporte paralímpico. 2019. 216f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

ZOBOLI, F.; MEZZAROBBA, C.; QUARANTA, A. M.; CORREIA, E. S. O corpo híbrido: análise midiática da participação do atleta Oscar Pistorius no Mundial de Atletismo de 2011. **Rev. Bras. Ci. Esp.**, Brasília, v. 38, Issue 1, p. 26-33, 2016.